

Gyorgy Lukács (1885-1971): um marxista trágico

RESUMO

A vida de Gyorgy Lukács repercute de uma maneira surpreendente em algumas frases de sua *Théorie sur le Roman* (Teoria sobre o Romance), publicada em 1916. Nessa obra, ele diz: “(O) herói trágico se substitui ao homem vivo de Homero, [...] porque ele recebe dele sua chama que está se apagando e que ele faz brilhar de novo”. Intitulado *Les civilisations closes*, este ensaio explora o mundo da epopéia, aquele de uma unidade metafísica irrespirável para todos.

PALAVRAS CHAVE

Gyorgy Lukács
Marxismo trágico
Teoria sobre o romance

ABSTRACT

The life of Gyorgy Lukacs on, in an amazing way, in a few sentences of his *Théorie sur le Roman* (Theory of the Novel), published in 1916. In it he says: “(O) tragic hero replaces the living man of Homer, [...] because he gets it that the flame is fading and he does shine again.” Titled “*Les civilisations closes*, this essay explores the world of epic, that of a metaphysical unity breathable for all.

KEYWORDS

Gyorgy Lukacs
Tragic marxism
Theory of the novel

Patrick Tacussel

Diretor do Institut de Recherches Sociologiques & Anthropologiques e do Centre de Recherches sur l'Imaginaire IRSA-CRI/FR.
patrick.tacussel@univ-montp3.fr

A vida de Gyorgy Lukács repercute, de uma maneira surpreendente, em algumas frases de sua *Théorie sur le Roman* (Teoria sobre o Romance), publicada em 1916. Nessa obra, ele diz: “(O) herói trágico se substitui ao homem vivo de Homero, [...] porque ele recebe dele sua chama que está se apagando e que ele faz brilhar de novo”¹. Intitulado *Les civilisations closes*, o primeiro capítulo deste ensaio explora o mundo da epopéia, aquele de uma unidade metafísica irrespirável para todos. Páginas premonitórias para este intelectual comunista de primeiro plano, do qual Thomas Mann tomará, em 1924, o destino através do personagem de Naphta em *La montagne magique* (A Montanha Mágica). Os escritos da juventude do filósofo húngaro contribuíram mais para seu reconhecimento internacional e para sua posteridade do que a contrariedade em ocupar um posto no seio da *intelligentsia* do bloco soviético.

Seus trabalhos se caracterizam, doravante, por uma aversão violenta em relação ao modernismo e às vanguardas (o expressionismo alemão, o surrealismo).

Publicado em 1911, *L'Âme et les Formes* (A Alma e as Formas)² é um estudo marcado pela influência do Círculo Max Weber, de Heidelberg, e do Círculo de Domingo, de Budapeste; o título também sublinha o importante papel de Georg Simmel (1858-1918) na sua formação universitária. A alma transcende as tensões antagonistas da existência. Ela, a alma, ultrapassa tudo o que a afeta do exterior; ou seja, dinamismo profundo da vida, enquanto a consciência padece dos efeitos

de alienação social em sua totalidade (a mercadoria, o trabalho, a ação militante, a fé, etc.). A alma se eleva para além das preocupações objetivas com as quais o sujeito se defronta na realidade. Ela remete à salvação religiosa e sua concretização profana em certas questões da vida terrestre, em especial políticas.

Os escritos da juventude do filósofo húngaro contribuíram mais para seu reconhecimento internacional e para sua posteridade do que a contrariedade em ocupar um posto no seio da intelligentsia do bloco soviético.

Gyorgy Lukàcs se converteu ao marxismo entre 1917 e 1919, a partir de uma “visão trágica do mundo” baseada na rejeição ética da velha monarquia austro-húngara ao mesmo tempo feudal e burguesa, e o dever de dar a essa revolta a chance de uma *praxis* concreta, aquela de um engajamento revolucionário. Ligado às doutrinas da nascente III Internacional, ele desenvolve, em 1923, em *Histoire et conscience de classe* (História e Consciência de Classe)³, as teses prontamente indexadas pela ortodoxia bolchevique e pela social-democracia. Ele não demora a renegar esta obra magistral cujos exemplares serão, logo, destruídos. Este livro aprofunda o tema da *réification* (reificação) em Karl Marx. Gyorgy Lukàcs se dedica a mostrar que ela envolve todos os aspectos da submissão alienada à economia capitalista, da mesma forma que corrompe a legitimidade das burocracias modernas fundadas na racionalização formal do Direito, do Estado, das administrações, estendendo-se, igualmente, ao funcionamento e às reivindicações dos partidos e dos sindicatos dos trabalhadores.

Compreende-se, portanto, a reação hostil dos dirigentes do movimento socialista: ao desvendar os mecanismos de dominação das coisas sobre os homens, os proprietários da guerra de classes são confundidos por um teórico egresso do seu meio e que defende a autonomia do proletariado, imperativo indispensável de sua missão histórica. A subjetividade, tema maior desta questão, consagra a consciência de classe do proletariado como única resposta global capaz de subverter o universo infeliz da falsidade. Diversos comentaristas concordam em ver no *Être et Temps* (Ser e Tempo), de Martin Heidegger (1927), uma refutação da *Histoire et conscience de classe*.

Escapando ao fascismo, ele se refugia em Moscou a partir de 1933. Retorna a Budapeste em 1944, onde começa uma carreira de professor de História da Arte e de Estética. Sua vasta cultura o conduz a produzir estudos de excepcional qualidade sobre Goethe, Balzac e o realismo francês; Thomas Mann, o jovem Hegel, e, finalmente, uma obra sobre a estética. Todos os seus livros são traduzidos na França desde 1947. Seus trabalhos se caracterizam, doravante, por uma aversão violenta em relação ao modernismo e às vanguardas (o expressionismo alemão, o surrealismo). Implacável crítico da ideologia burguesa, Gyorgy Lukàcs critica igualmente a filosofia de Nietzsche e o existencialismo através dos quais ele observa os sintomas do niilismo contemporâneo, patologia social do liberalismo burguês, doravante privado das promessas progressistas de seu advento. *La Destruction de la Raison* (A Destruição da Razão), de 1954, expõe, em tom dogmático, a decadência mental da vida de artifício na civilizações capitalista e imperialista.

No começo dos anos 60, Gyorgy Lukàcs encontra na França um público que destaca a originalidade de sua obra na juventude. Lucien Goldmann, Kostas Axelos e Joseph Gabel acabam contribuindo para esse reconhecimento. Este último estabelece uma ligação entre a teoria *lukàcsienne* da reificação e a esquizofrenia analisada sob o ponto de vista psicopatológico⁴. Guy Debord cita *Histoire et conscience de classe*, no segundo capítulo, *La marchandise comme spectacle* (A Mercadoria como Espetáculo), em *La Société du spectacle* (A Sociedade do Espetáculo), de 1967. G. Lukàcs torna-se o teórico de uma radicalidade que ele abandonou há vários anos. Foi, precisamente, em 1967 que ele havia sido reintegrado – a seu pedido – ao Partido Comunista húngaro, no qual ele tinha sido cassado por ter participado da revolução de 1956 e a sua função de Minis-

tro da Cultura no primeiro governo de I. Nagy. Esta questão confirma “uma reconciliação extorquida”, descrita em um artigo de Theodor W. Adorno, a partir de 1958, como a de uma trajetória perdida em uma odisséia política na qual ele percebia, no oposto aos burocratas de plantão, o “vencimento” inelutável ■ FAMECOS

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor. *Une réconciliation extorquée*. Der Monat, 11^e année, (Nov. 1958), p. 37 sq. Trad. franç. S. Muller. Notes sur la Littérature. p. 171 à 199. Paris : éd. Flammarion, 1984. 441 p.

NOTAS

¹ LUKÁCS, Gyorgy. *La Théorie sur le Roman*. Trad. J. Clairevoye. (Coll. Médiations, n. 4). Paris : Ed. Denoël-Gonthier.

² LUKÁCS, Gyorgy. *L’Ame et les Forme*. Trad. G. Haarscher. (Coll. Bibliothèque de Philosophie). Paris: Ed. Gallimard, 1974.

³ LUKÁCS, Gyorgy. *Histoire et conscience de classe*. Trad. K. Axelos et J. (Coll. Arguments). Bois. Paris : Ed. de Minuit, 1960.

⁴ GABEL, J. *La Fausse conscience*. (Coll. Arguments). Paris : Ed. de Minuit, 1962.